

O AMOR

O amor está presente em todo o universo

A vida e o amor são inseparáveis, portanto, onde há vida, há também amor. Até a consciência mais rudimentar sempre tenta romper as suas limitações e viver algum tipo de união com outras formas. Embora todas as formas sejam separadas umas das outras, na realidade, todas são formas da mesma unidade da vida. A sabedoria latente desta verdade recôndita se faz sentir indiretamente, mesmo no mundo das ilusões, através da atração que uma forma sente por outra.

O amor na natureza inanimada

A lei da gravitação, à qual estão sujeitos todos os planetas e todas as estrelas, é a seu modo um pálido reflexo do amor, presente em toda parte do universo; a bem da verdade, até a força de repulsão é uma expressão de amor, já que objetos se repelem uns aos outros justamente porque sentem uma atração mais forte por outros objetos. Assim, a repulsão é uma consequência negativa da atração positiva; as forças de coesão e de afinidade, que predominam na própria constituição da matéria, são expressões positivas de amor. Um exemplo notável de amor neste nível é a atração que o ímã exerce sobre o ferro. Todas estas formas de amor são as mais inferiores, já que são necessariamente limitadas pela consciência rudimentar na qual elas se manifestam.

O amor no mundo animal

No mundo animal, o amor se torna mais distinto, na forma de impulsos conscientes, os quais são direcionados à diferentes objetos no meio-ambiente. Este amor é instintivo e toma a forma de gratificação dos diversos desejos do animal, através da posse de objetos apropriados, como por exemplo, um tigre que procura devorar uma gazela está, de certo modo, realmente enamorado por ela. Outra forma de amor, neste nível, é a atração sexual; todas as expressões de amor, nesta fase, têm uma coisa em comum, que é satisfazer um impulso ou desejo do corpo, através do objeto de amor.

O amor humano tem que se adaptar à razão

O amor humano, embora suceda as inferiores formas subhumanas de amor, é diferente e muito superior, pois os seres humanos têm a consciência totalmente desenvolvida e, também, porque, então, aparece um novo fator, que é a razão, operando junto com o amor. Às vezes, o amor humano se manifesta como uma força separada da razão e um corre paralelo ao outro; outras vezes, ele se manifesta como uma força que se confunde com a razão e entra em conflito com ela; por último, ele se expressa como um constituinte do todo harmonioso, onde o amor e a razão se equilibram e se fundem em uma unidade integral.

Três combinações de amor e de razão

Desse modo, o amor humano pode tomar parte em três tipos de combinações com a razão. No primeiro tipo, a esfera do pensamento e a do amor são mantidas o mais afastadas possível; isto é, a esfera do amor é praticamente inacessível à operação da razão e o amor tem pouco ou nenhum acesso à esfera do pensamento. É claro que a separação completa entre estes dois aspectos do espírito é impossível, porém, quando há uma atividade alternativa entre o amor e a razão, oscilando nas suas predominâncias, o que resulta é um amor não iluminado pela razão e esta, por sua vez, não é estimulada pelo amor.

No segundo tipo, o amor e a razão são simultaneamente operantes, mas não funcionam em harmonia um com o outro; embora este conflito crie confusão, é, no entanto, uma fase necessária à evolução a um estado superior, onde há uma verdadeira síntese entre o amor e a razão. No terceiro tipo de amor, esta síntese entre o amor e a razão é um fato consumado, com o resultado de que ambos estão tão completamente transformados, que precipitam o surgimento de um novo nível de consciência a qual, comparada à consciência humana normal, é melhor definida como superconsciência.

A diversidade na qualidade do amor

O amor humano surge na origem da consciência do ego, o qual possui incontáveis desejos. O amor é distorcido por estes fatores, de vários modos. Existe uma ilimitada variedade qualitativa no âmbito do amor, por causa de novas combinações de fatores, do mesmo modo que, em um caleidoscópio, uma variedade de desenhos estão sempre mudando, através de várias combinações de elementos mais simples e, também, há diversas diferenças sutis no amor humano, do mesmo jeito que há infinitos tons de cores nas diversas flores.

Formas inferiores de amor

O amor humano é cercado por vários fatores que criam obstáculos, como a paixão, a cobiça, a ganância, a raiva e o ciúme, os quais, em um certo sentido, até mesmo não deixam de ser formas inferiores de amor ou efeitos colaterais inevitáveis dessas formas inferiores de amor. A paixão, a cobiça e a ganância podem ser consideradas como formas deturpadas e inferiores de amor. Na paixão, a pessoa se enamora por um objeto sensual; na cobiça, cria desejos por sensações em relação ao objeto e, na ganância, deseja possuí-lo. Destas três formas inferiores de amor, a ganância tem a tendência a se estender do objeto original aos meios de obtê-lo. Assim, a pessoa se torna gananciosa por dinheiro, poder ou fama, os quais podem ser instrumentos para possuir os objetos desejados. A raiva e o ciúme aparecem quando estas formas inferiores de amor são contrariadas ou ameaçadas de frustração.

As formas inferiores do amor são inimigas das superiores

Estas formas inferiores de amor obstruem a liberação do amor puro; o fluxo de amor nunca pode se tornar límpido e seguro a menos que consiga livrar-se destas formas

deturpadas e limitadas de amor, as quais são antagonistas às formas superiores de amor. Se a consciência estiver presa ao ritmo das formas de amor inferiores, não conseguirá se emancipar dos hábitos criados pela própria consciência, achando muito difícil se libertar e progredir. Assim, as formas inferiores de amor continuam a interferir no desenvolvimento das superiores e precisam ser renunciadas para ser possível a livre manifestação da forma mais superior de amor.

O amor e a paixão

O constante exercício da discriminação ajuda o amor superior a emergir da casca do amor inferior; portanto, é importante distinguir, com cuidado, o amor dentre os fatores obstrutivos como a paixão, a luxúria, a ganância e a raiva. Na paixão, a pessoa é uma vítima passiva da fascinação de uma idealizada atração pelo objeto, enquanto que, no amor, há um reconhecimento ativo do valor intrínscico do objeto do amor.

O amor e a luxúria

O amor também é diferente da luxúria; nela existe uma dependência a um objeto sensual e a conseqüente submissão espiritual ao objeto, ao passo que o amor faz com que se tenha um relacionamento direto e harmônico com a realidade que existe por trás da forma. Portanto, a luxúria parece ser pesada e o amor parece ser leve. Na luxúria, há uma restrição de vida e, no amor, uma expansão do ser. Amar alguém é como acrescentar outra vida à sua própria, a qual é multiplicada, por assim dizer, e a pessoa vive potencialmente em dois centros; assim, quem ama a todos no mundo, vive indiretamente no mundo todo. Porém, na luxúria, há um declínio de vida e um clima geral de desesperança e dependência a uma forma, a qual é ilusoriamente considerada como outra forma separada. Portanto, na luxúria, a separação e o sofrimento se acentuam, enquanto que, no amor, há um sentimento de união e de júbilo; a luxúria é dissipação e o amor, restauração; a luxúria é desejo ardente dos sentidos e o amor, expressão do espírito; a luxúria procura a satisfação, mas o amor se satisfaz; na luxúria, há o excitação e, no amor, a tranquilidade.

O amor e a cobiça

O amor igualmente difere da cobiça; esta é possessiva em todas as suas formas materiais e sutis e visa apropriar-se de pessoas e objetos, assim como também coisas abstratas e intangíveis como a fama e o poder. Já no amor, a anexação de outra pessoa à própria vida individual está fora de cogitação e há uma expansão livre e criativa que anima e renova a existência do ser amado, independente de quaisquer expectativas que se possa ter para si mesmo. É um paradoxo que a cobiça, ao tentar se apropriar de um outro objeto, na verdade, leve ao resultado oposto em que o próprio eu acaba sendo dominado pelo objeto, enquanto que o amor, ao almejar o doar-se ao objeto, na verdade leva à uma incorporação espiritual do ser amado na própria existência de quem ama. Na cobiça, o eu tenta possuir o objeto, porém é possuído por ele. No amor, o eu se doa ao ser amado sem quaisquer reservas, mas através deste mesmo ato, acaba incluindo o amado no seu próprio ser.

A paixão, a luxúria e a ganância constituem doença espiritual, que com frequência se tornam mais nocivas pelos sintomas agravantes da raiva e do ciúme. O amor puro, em nítido contraste, é a florescência da perfeição espiritual.

O amor puro despertado pela graça

O amor humano está tão amarrado à estas condições restritivas, que a manifestação espontânea do amor puro, vinda de dentro, se torna impossível; então, é sempre uma dádiva quando tal amor puro nasce no coração do aspirante, em resposta à descida da graça de um Mestre Perfeito. Assim que este presente de amor puro é recebido do Mestre, fica alojado na consciência do aspirante como uma semente em um solo favorável e, no decorrer do tempo, a semente se desenvolve em uma planta, até se tornar uma árvore adulta.

A preparação espiritual para a graça

Porém, a descida da graça do Mestre é condicionada a uma preparação espiritual preliminar do aspirante para receber a graça; preparação que nunca será completa até o aspirante ter desenvolvido alguns atributos divinos na sua composição espiritual. Por exemplo, quando uma pessoa evita dizer calúnias e pensa mais nos pontos positivos dos outros, ao invés dos negativos, e quando ela consegue praticar tolerância suprema e deseja o bem para os outros, mesmo às próprias custas, ela estará pronta a receber a graça do Mestre. Um dos maiores obstáculos a retardar esta preparação espiritual do aspirante é a preocupação. Quando este obstáculo é superado com supremo esforço, abre-se o caminho para a cultivação dos atributos divinos que constituem a preparação espiritual do discípulo. Assim que o discípulo está pronto, a graça do Mestre vem; porque o Mestre, que é o oceano de amor divino, está sempre atento à alma na qual sua graça se frutificará.

O amor puro é muito raro

O tipo de amor que é despertado pela graça do Mestre é um raro privilégio. A mãe que está disposta a sacrificar tudo e morrer por seu filho ou o mártir que está preparado para desistir da própria vida pelo seu país são supremamente nobres; porém, eles não necessariamente sentiram este amor puro, nascido da graça do Mestre. Até mesmo os grandes iogues que ficam em cavernas e nos topos das montanhas e estão totalmente absorvidos em profundas transes meditativas (Samadhi), não sentem necessariamente este amor precioso.

O amor puro supera todas as disciplinas

O amor puro, despertado pela graça do Mestre, é mais valioso do que qualquer outro estímulo utilizado pelo aspirante. Tal amor, além de combinar em si mesmo os méritos de todas as disciplinas, também distingue-se de todas elas na sua eficácia em levar o aspirante à sua meta. Quando nasce este amor, o aspirante só tem um desejo, que é a união com o Amado divino. Tal retraimento da consciência de todos os outros desejos leva à pureza infinita; portanto, nada purifica mais completamente o aspirante do que este

amor. O aspirante está sempre disposto a ofertar tudo ao divino Amado e nenhum sacrifício é muito difícil para ele. Todos os seus pensamentos estão voltados para longe do eu e se centralizam exclusivamente no Amado divino. Através da intensidade deste amor que sempre cresce, o aspirante no devido tempo quebra as algemas do próprio eu e se une com o Amado. Esta é a consumação do amor. Quando o amor assim encontra sua fruição, se torna *divino*.

O amor divino e o amor humano

O amor divino é diferente do amor humano em qualidade; o amor humano se direciona às formas múltiplas no Um, enquanto que o amor divino se direciona ao Um nas suas diversas formas. O amor humano leva a inúmeras complicações e confusões, mas o amor divino leva à integração e à liberdade. No amor divino, os aspectos pessoais e impessoais estão igualmente equilibrados, enquanto que, no amor humano, os dois aspectos se alternam nas ascendências. Quando o caráter pessoal é predominante no amor humano, leva a uma cegueira total do valor intrínscico das outras formas. Quando, com um senso de dever, o amor é predominantemente impessoal, com frequência torna a pessoa fria, rígida e maquinal. Um senso de dever surge como uma restrição externa do comportamento do indivíduo, porém no amor divino existe uma liberdade incontida e uma espontaneidade ilimitada. O amor humano, em seus aspectos pessoais e impessoais, é limitado, mas o amor divino, com sua fusão dos dois aspectos, é infinito em essência e em expressão.

No amor divino, o amante e o amado tornam-se um só

Até mesmo o tipo mais elevado de amor humano está sujeito às limitações da personalidade individual, a qual persiste até o sétimo plano de involução da consciência. O amor divino surge depois que a mente individual desaparece e fica livre dos obstáculos da personalidade individual. No amor humano, a dualidade do amante e do amado persiste, mas, no amor divino, o amante e o Amado se tornam um só. Nesta fase, o aspirante sai do domínio da dualidade e se torna um com Deus, pois Amor Divino é Deus. Quando o amante e o Amado são um só, isto é o fim e o começo.

O universo surgiu por causa do amor

É por amor que o universo inteiro surgiu e é por causa do amor que continua a existir. Deus desce no reino da Ilusão porque a aparente dualidade do Amado e do amante, no devido tempo, contribui para o Seu prazer consciente de Sua própria divindade. O desenvolvimento do amor está condicionado e é sustentado pela tensão da dualidade. Deus tem que sofrer a aparente diferenciação em uma multiplicidade de almas para que possa continuar o jogo do amor. Todas são Suas próprias formas e, em relação a elas, Ele imediatamente assume os papéis de Amante divino e de Amado divino. Na qualidade de Amado, Ele é o verdadeiro e supremo objeto de estima das almas. Como o Amante divino, Ele é o verdadeiro e supremo salvador delas, as atraindo de volta para Ele. Assim, apesar de todo o mundo da dualidade ser apenas uma ilusão, esta surgiu com uma finalidade significativa.

A dinâmica do amor

O amor é o reflexo da unidade de Deus no mundo da dualidade e constitui o total sentido da criação. Se o amor fosse excluído da vida, todas as almas no mundo assumiriam uma completa exterioridade uns com os outros, sendo que os únicos contatos e relações possíveis, em tal mundo sem amor, seriam superficiais e mecânicos. É por causa do amor que os contatos e relações entre as almas individuais se tornam significantes. É o amor que dá sentido e valia à todos os acontecimentos no mundo da dualidade. Porém, ao mesmo tempo que dá sentido ao mundo da dualidade, o amor também é um desafio permanente à dualidade. Conforme o amor fica mais forte, ele gera uma agitação criativa e se torna o principal poder de condução daquela dinâmica espiritual a qual, no fim, consegue restaurar à consciência a unidade original do Ser.